

Mário Theodoro, Luciana Jaccoud, Rafael Osório, Sergei Soares, organização. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil** : 120 anos após a abolição / . – Brasília : Ipea, 2008.

MUNANGA, Kabengele organizador, **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

Tatiana Dias Silva, Fernanda Lira Goes, organizadoras **Igualdade racial no Brasil**: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes/. – Brasília: Ipea, 2013.

JOVENS COTISTAS: UM ESTUDO SOBRE OS PERCALÇOS DA AFILIAÇÃO A VIDA UNIVERSITÁRIA DE ESTUDANTES NO RECÔNCAVO BAIANO.

Michele Mota Souza¹

RESUMO

A universidade, apesar da alta seletividade ainda existente, vem se tornando ao longo do tempo uma das possíveis escolhas na fase juvenil de muitos sujeitos. No entanto aprender a lidar com as regras acadêmicas e institucionais, deste espaço para conseqüentemente não fracassar é condição fundamental na vida estudantil. Foi neste sentido que o presente estudo buscou identificar características e dificuldades que envolvem o processo de afiliação ao ensino superior de estudantes cotistas, verificando as diferenças por eles percebidas entre a vida escolar e a universitária. Foram sujeitos desta pesquisa seis estudantes recém ingressos na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), através das políticas de ações afirmativas. O trabalho desenvolve-se pautado em uma abordagem qualitativa, tomando como técnicas a observação participante e a entrevista compreensiva. Verificou-se que os primeiros semestres na universidade são marcados por dificuldades e incertezas que ganham formas principalmente através da diferença entre o desenho de ensino vivenciado na escola e agora na universidade. O que nos aponta para a necessidade de melhores condições pedagógicas e institucionais que propiciem mecanismos de integração que levem em consideração as peculiaridades dos estudantes auxiliando-os em um processo de permanência ao ambiente Universitário.

Palavras chaves: juventude, afiliação universitária, ações afirmativas.

ABSTRACT

The university, despite the high selectivity still exists, has become over time one of the possible choices in the juvenile phase of many subjects. However learn to deal with the academic and institutional rules, this space therefore not fail is a fundamental condition in student life. It was in this sense that this study sought to identify characteristics and difficulties involving the process of affiliation with higher education quota students checking the differences they perceived between school and university. Subjects in this study were six freshmen students at the Federal University of Bahia Recôncavo (UFRB), through affirmative action policies. The work develops guided by a qualitative approach, taking as technical participant observation and comprehensive interview. It was found that the first half at the university are marked by difficulties and uncertainties earning forms mainly from the difference between the experienced teaching

drawing at school and now in college. What points us to the need for better educational and institutional conditions that favor integration

mechanisms that take into account the peculiarities of students helping them in a University environment to stay process.

Keywords: youth, higher education, affirmative action.

INTRODUÇÃO

São inúmeras as dificuldades vividas por estudantes cotistas no ensino universitário. Nesse sentido, aprender a lidar com as regras acadêmicas e institucionais, para conseqüentemente não fracassar é condição fundamental na trajetória estudantil. Agora pensemos, é possível ser cotista em uma Universidade Federal e ter sucesso? Como é ser trabalhador e universitário? Como lidar com as regras desse novo espaço e não fracassar? Questões como essas se manifestam quando se busca compreender os meandros da vida universitária a partir dos estudantes, percebendo as dificuldades que emanam no processo de afiliação Universitária, tendo em vista que, “O colégio e a universidade não têm a mesma comunidade de *habitus* (...) é preciso “esquecer” sua cultura anterior de estudante de ensino médio, para substituí-la por uma nova cultura, mais complexa, mais sofisticada, tão mais difícil de decodificar e adquirir na medida em que é mais simbólica.” (COULON, 2008, p.42). É preciso aprender a desenvolver “competências intelectuais, acadêmicas e pessoais, tais como: o estabelecimento e a manutenção de relações interpessoais, o sentido de identidade e o processo de tomada de decisão acerca da carreira.” (CUNHA e CARRILHO, 2005, p.217)

Sendo assim, fizeram-se sujeitos desta investigação estudantes diferentes cursos ofertados na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. De modo mais específico foram investigados trabalhadores estudantes; estudantes beneficiários da Pró Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE) e estudantes bolsistas vinculados a Projetos de pesquisa. Desta maneira, o presente trabalho apresentará uma breve análise sobre o cenário educacional no país no que se refere ao ensino superior, abordando aspectos como as políticas de ações afirmativas, buscando fazer uma reflexão sobre características e entraves que envolvem o processo de inserção e permanência de jovens pobres na universidade

1 - O CENÁRIO EDUCACIONAL NO PAÍS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR

Os mecanismos empregados para o aumento do número de vagas nas instituições de ensino superior através de medidas voltadas para o acesso e permanência na educação, dentre as quais situa-se o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação do Ensino Superior (REUNI) assim como as Políticas de Ações Afirmitivas, estão provocando uma considerável mudança no perfil

discente das Instituições de Ensino Superior, na medida em que elevou o nível de oportunidades para esta modalidade de ensino, dando espaço a estudantes de camadas mais pobres. Tais propostas “representam um esforço meritório no sentido de combater o tradicional elitismo social da universidade pública, em parte responsável pela perda de legitimidade social desta instituição”. (SANTOS, 2003, p.52)

Resultados de efervescentes debates a nível global, as políticas de ações afirmativas, conformam significativas ações por parte do poder público na tentativa de compensar os efeitos tributários das profundas desigualdades sociais existentes Brasil. Atualmente e de acordo com Gomes (2007, p.55) podemos tratá-las como “políticas e mecanismos de inclusão concebidos por entidades públicas, privadas e por órgãos dotados de competência jurisdicional, com vistas à concretização (...) da efetiva igualdade de oportunidades.”

As políticas de ações afirmativas visam fomentar o ingresso de estudantes pobres nas Instituições de Educação Superior, que em nosso País são majoritariamente afro descendentes. O Projeto de lei sancionado em 29 de agosto de 2012 garante de forma progressiva que nos próximos quatro anos, cinquenta por cento das vagas em Instituições de ensino superior sejam destinadas à estudantes oriundos de escolas públicas, levando em conta critérios socioeconômicos. É pertinente frisar que são vários os elementos que nos permite perceber a dimensão dos problemas relacionados a discriminação racial no Brasil. A começar pelo fato de concentrarmos, um dos maiores contingentes populacionais com ascendência africana, conformando a maior parcela de seus habitantes. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE em 2010, o Brasil contava com uma população de 191 milhões de habitantes, dos quais 91 milhões se classificavam como sendo, brancos (47,7%), 15 milhões como pretos (7,6%), 82 milhões como pardos (43,1%), 2 milhões como amarelos (1,1% e 817 mil indígenas (0,4%). Entretanto se apesar da verificação dos dados estatísticos a maioria da população seja composta por afro descendentes, não se deve desprezar a legítima importância de pensarmos no povo indígena, participantes ativos na formação do Brasil.

Tais avanços, ainda iniciais, relacionados com a educação superior somente foram possíveis graças às políticas compensatórias, ou de ações afirmativas que favorecem o ingresso de estudantes indígenas, afrodescendentes e oriundos de escolas públicas em Instituições de ensino Superior através das cotas. Assim, as ações afirmativas, enquanto “(...) políticas compensatórias adotadas para aliviar e remediar as condições resultantes de um passado discriminatório, cumprem uma finalidade pública decisiva para o projeto democrático, que é a de assegurar a diversidade e a pluralidade social.” (PIOVESAN, 2007, p.40). Contudo e utilizando os argumentos de Jaccoud e Beghin (2002) é oportuno situarmos que as políticas de ações afirmativas, enquanto mecanismo emergencial na busca pela equidade e redução de disparidades sociais entre os indivíduos que compõem determinado povo não se restringem as cotas. Consistindo deste modo em medidas cujos objetivos fundamentais visam,

[...] garantir a oportunidade de acesso dos grupos discriminados, ampliando sua participação em diferentes setores da vida econômica, política, institucional, cultural e social. Elas se caracterizam por serem temporárias e por serem focalizadas no grupo discriminado; ou seja, por dispensarem, num determinado prazo, um tratamento diferenciado e favorável com vistas a reverter um quadro histórico de discriminação e exclusão. (JACCOUD e BEGHIN, 2002, p.67)

Trata-se de políticas com vistas a equiparar reflexos de expressivas iniquidades sociais. E ao pensarmos no cenário educacional brasileiro consideramos ser fundamental condicionar a ampliação da trajetória educacional da maioria de nossos jovens. Neste sentido, políticas desta natureza desenham uma possibilidade em curto prazo de reverter às discrepâncias existentes entre o número pretos, pardos e pobres no ensino superior em relação às demais camadas societárias.

É importante não perder de vista que apesar de todas as medidas inclusivas, e/ou de natureza afirmativa em média nacional apenas 24,31% dos jovens brasileiros, com idade entre 18 e 24 anos, tiveram acesso ao ensino superior, isto de acordo com o relatório do primeiro ano do REUNI. Afinal o que de fato é necessário é ampliar políticas e recursos para educação de um modo geral e em particular para o ensino superior.

2 - ANÁLISE DOS DADOS: PASSOS METODOLÓGICOS E CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO

Como é se tornar um estudante Universitário, especialmente quando viemos de camadas sociais menos favorecidas em que a continuidade dos estudos após o ensino médio nem sempre é projetada ou condicionada? Na busca por essa caracterização foram elencados aspectos relacionados às diferenças percebidas pelos jovens recém ingressos entre o ensino médio e a universidade, bem como as dificuldades encontradas no percurso acadêmico, percebendo as estratégias por eles criadas para conseguirem se engajar e permanecer na instituição.

Com este propósito, a pesquisa se inscreve no âmbito dos estudos de natureza qualitativa, buscando a transposição das manifestações imediatas para que seja possível captar os seus sentidos e a essência dos fenômenos. (CHIZZOTTI, 2008, p.80). Foram também associadas técnicas da observação participante e entrevista compreensiva. Tais técnicas foram elencadas para permitir aos atores sociais uma forma de interpretação de informações subjetivas através dos significados atribuídos às suas práticas e vivências cotidianas em seus espaços naturais de interação. Deste modo se acredita permitir ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (BOGDAN & BIKLEN, 1994,

p.134) Com o uso de entrevista compreensiva, o contato com o sujeito entrevistado se produziu de forma flexível, dando espaço ao diálogo, que guiava a conversa privilegiando o discurso do sujeito implicado. Pois em linhas gerais uma entrevista consiste,

Em um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevista constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida.” (HAGUETTE, 2011, p.81)

Na busca pela caracterização sobre as dificuldades vivenciadas pelos estudantes no processo de afiliação e permanência na universidade, uma das questões centrais foi identificar as principais diferenças por eles sentidas em relação a escola e universidade. Assim verificou-se que os primeiros semestres na universidade para os sujeitos investigados se mostram marcados por dificuldades que ganham formas principalmente pela forma de ensino vivenciado na escola e agora na Universidade. Os estudantes comentam sobre os assuntos acadêmicos que são aplicados em sala sem considerar o que estudaram antes, indicando problemas no aprendizado por não saberem de conteúdos que deveriam ter sido vistos no ensino médio. O que denota as discrepâncias e deficiências que permeiam as escolas brasileiras. Sobre isso e de acordo com Dayrell (2005) enfatiza-se que a estrutura das escolas, incluindo a própria infra-estrutura oferecida, e os projetos político-pedagógicos ainda dominantes em grande parte das escolas não respondem aos desafios que estão postos para a educação dessa parcela da juventude.

Para as possibilidades de longevidade escolar e a expansão e interiorização do ensino superior, é condição fundamental que as escolas reconfigurem suas estruturas e estratégias educacionais, contribuindo para a elaboração dos projetos de futuro dos seus estudantes, incluindo a universidade como uma das possibilidades após o ensino médio, familiarizando-os com esta forma de ensino, inclusive através de novas práticas pedagógicas. Desta maneira ainda que os primeiros momentos na universidade tivessem todas as características de uma experiência nova (ansiedade, medo, expectativas, dúvidas), o abandono ou o fracasso seriam consideravelmente reduzidos, pois os estudantes teriam sido preparados para essa possível fase. Para os estudantes investigados, a universidade seria algo mais fácil. Eles pensavam que seria algo semelhante à escola. Nas conversas ouvi que

A Universidade é muito mais do que esperava, eu imaginava menos, superou as minhas expectativas e foi mais além, porque o que eu imaginava era pouco, eu não tinha conhecimento nenhum sobre universidade então... imaginava que a galera fosse mais aberta mais brincalhona, que os professores não fossem tão seguros e não precisava você ficar se estragando tanto, estudando tanto pra tirar uma nota...a

universidade era coisa de cinema pra mim então foi tudo surpresa, eu imaginei que não seria tão puxado e que não seria tão difícil assim né! achava que o professor ia ajudar você mesmo! alguns ajudam mais a maioria não tá nem aí pra você, não quer saber se você tá no primeiro semestre, não quer saber se aquilo tudo é novo em sua vida, não quer saber nada de você. Apesar de todas as dificuldades eu gosto de estar na universidade, hoje eu já conheço muito mais pessoas lá dentro, profissionais que trabalham lá dentro como pedagogos, psicólogas, que pra mim são pessoas amigas mesmo! quando estão ali tão dispostos a ouvir...conversam com você e te entende, tenta tranquilizar um pouco e alertar você sobre o que é a universidade.(ENT. 1)

a principio me assustou, uma multiplicidade de coisas, foi completamente diferente, foi uma surpresa a cada dia uma surpresa diferente e até hoje to me surpreendendo! a construção do conhecimento é dolorosa, é desmotivante...eu entrei na universidade pensando uma coisa hoje eu sei que a universidade é outra coisa é tão outra coisa que eu ainda vou descobrir qual é essa coisa, por que eu vou tá sempre descobrindo, ainda mais agora que eu to me disponibilizando a conhecer. Eu entrei na universidade pensando que era fácil, por exemplo eu nunca imaginaria eu nunca ia pensar, por exemplo que os métodos de avaliação fossem tão rígidos que os professores seriam tão mais...pensei que seria tipo uma escolona (rsrs) porque no ensino médio os professores...eles o mínimo preparo eles não dão pra quem pretende entrar na universidade, ninguém nem fala em entrar pra universidade! porque a ideia é concluir o ensino médio, sair dali fazer um curso técnico, ir trabalhar nas fabricas ou nas industrias principalmente nas cidades do interior onde eu vivo que não tem muita opção, então eu quis com o incentivo da minha mãe, não ser mais uma no meio da multidão, entrei pensando, é aqui que tenho que está se quiser ser alguém.(ENT.2)

Alguns relatos vinculam-se mais a relação de aprendizagem em sala de aula. Apontam sobre a necessidade de conseguir organizar os horários e dar conta das leituras. Os estudantes investigados compreendem que precisam desenvolver determinadas habilidades para a vida nesse novo espaço. Mas não se sentem subsidiados para isso. Nesse sentido nos dizem que,

É muito diferente o jeito que os professores ensinam na facul do da escola. Na escola era tudo mastigadinho no quadro e na faculdade não! A professora de sociologia mesmo o máximo que ela põe no quadro é uma estrutura, e os outros ou uma palavra ou o tema do que ele vai explicar então ou você anota ou você fica sem fazer nada. Eu consigo anotar algumas coisas que eles falam mais muitas vezes eu fico boiando...eu acho que eles deveriam exemplificar as coisas melhor pra gente. Porque muitas das vezes os professores passam. A professora "X" mesmo, passou pra gente fazer um fichamento, só que eu não sabia o que era um fichamento. Eles passam as coisas sem saber se a gente sabe fazer. Eu queria que ele exemplificassem mais, tipo que a gente fizesse algumas coisas em sala, tipo um ensaio...(ENT.4)

Esse reconhecimento sobre a necessidade de desenvolver determinadas competências demonstra-se um dos principais passos para o início do reconhecimento de sua nova condição. Neste sentido e dialogando com Santos e Almeida, (2001, p.207) apontamos que “quando os alunos tomam consciência dos seus comportamentos de estudo, dos seus níveis motivacionais e cognitivos, conseguem aumentar os seus níveis de auto-regulação na aprendizagem, o que geralmente se traduz num melhor rendimento acadêmico.”

Os estudantes relatam sobre a quantidade de trabalhos que precisam construir em pouco tempo, principalmente no final do semestre, para todas as disciplinas. Sobre isso, cogita-se que o diálogo entre as disciplinas no sentido de pensar em trabalhos coletivos respeitando as especificidades das matérias, se mostraria como uma possível estratégia.

Ainda sobre as diferenças percebidas entre o ensino médio e a educação superior, ouvimos que,

Logo de cara nas primeiras semanas você topa com professores, tipo com uma carga...tipo alguns como o professor de sociologia ele tem aquele cuidado de investigar e falar até exemplos da vida dele, experiências que ele viveu por que ele também veio de escola pública e explicar sua realidade e tentar trabalhar nossa mente enquanto estudante de rede pública que tá acabando de entrar pra universidade, ele tem esse cuidado mais os outros não, transmitem o conhecimento sem se preocupar com o que veio antes, (ENT.2)

Ta sendo muito diferente da vida do colégio do método de ensino do colégio principalmente em dar conta de todas as disciplinas de todas as apostilas no período mesmo que eles pedem que é muita coisa e o colégio não prepara a gente pra isso. Eu to tendo dificuldade mesmo em me adaptar em me organizar nos estudos pra conseguir ter um bom empenho mesmo. A apostila mesmo não dá pra você lê tudo pra aula, fazer um entendimento sobre o assunto pra aula e varias vezes você lê na sala mesmo, pra ter um aprendizado com o professor mesmo na hora que o professor ta explicando... (ENT.5)

Eu acho que é em relação ao aprofundamento, por que assim no meu curso pelo fato de ser uma coisa que trata do cotidiano, da nossa vida mesmo, da minha família do meio em que me integro, eu acho que o aprofundamento que a universidade trata. Disciplinas que eu tinha no colégio como sociologia mesmo eu vejo na universidade, tratada de uma forma totalmente diferente do que eu aprendi. (ENT.4)

Tinha noção do que poderia ser a universidade, mas a minha escola não me subsidiou totalmente. Eu tive que tomar cursinho por um ano e meio até depois da aprovação no Enem ainda continuei um tempo. E eu tinha uma noção do que seria a Universidade mas quando eu entrei realmente mudou. Pra mim o difícil seria entrar e depois lá dentro com a vivência as coisas seriam mais tranquilas. Mas não, também é difícil lá dentro, eu achava que a dificuldade seria entrar na Universidade. (ENT.6)

As respostas em relação ao imaginário que tinham sobre a universidade e a compatibilidade com o que estão vivenciando, foi especialmente inquietante. Em todos os relatos os estudantes indicam que achavam que seria mais fácil. O que me fez recordar a época em que estive no ensino médio, a oito anos atrás. Eu que não sabia ao certo o que era a universidade, mas como muitos, tinha em mente que se eu quisesse “ser alguém na vida” esse era o caminho. Eu imaginava que a universidade seria algo extremamente difícil, o que se destoa do imaginário dos estudantes até aqui investigados. Algumas considerações sobre esta questão precisam ser assinaladas. De acordo com dados do relatório de primeiro ano do REUNI, a média nacional de jovens brasileiros com a idade entre 18 a 24 anos que tiveram acesso ao ensino superior aumentou para a ordem de 24,31%. Os esforços voltados a expansão das Instituições de Ensino Superior (IES) tem garantido o ingresso e a mudança de perfil desses estudantes através do aumento do numero de vagas ou das políticas de ações afirmativas, o que vem tornando o acesso a este nível educacional algo mais possível, mesmo com todos os entraves ainda existentes. Neste sentido, torna-se mais frequente na vida desses estudantes o contato com pessoas que entraram na universidade, ainda que em nosso caso, não no seio familiar, mas entre os amigos. Outra consideração a ser apresentada é sobre a necessidade do desenvolvimento de uma perspectiva de continuidade da vida estudantil dentro da escola para que assim os estudantes possam se familiarizar com os hábitos acadêmicos. Para tanto, devem ser traçadas nas escolas estratégias que preparem os seus alunos da educação básica para a universidade. Tais medidas não devem apenas indicar as possibilidades, ou formas de acesso. As medidas devem se dar, por exemplo, através de medidas dentro da instituição escolar que favoreçam a continuidade dos estudos dos jovens. Estabelecer-se-ia deste modo uma relação de parceria com a universidade, contribuindo com o projeto de democratização do ensino superior no país.

Dificuldades relacionadas a falta de informação sobre a assistência estudantil e de setores na universidade foram apontadas. Os estudantes descrevem a sensação de “estar perdido”, e comentam a falta de apoio institucional. A fim de entender como faziam para lidar com essas situações, fiz indagações neste sentido. Assim pude verificar que outra estratégia fundamental, por eles utilizados foi o estabelecimento e manutenção de relações de amizade, principalmente com estudantes em semestres mais avançados. Em uma das entrevistas o estudante se expressa da seguinte forma:

A minha sobrevivência aqui eu devo muito, ainda hoje, e sempre a meu amigo João Paulo, ele faz Historia vem de uma comunidade próxima a minha, ele ta no ultimo semestre, ele me indicou varias coisas aqui dentro, como eu poderia conseguir a bolsa e como ele é residente, nos momentos que eu ainda não era ele me deu per noites. (ENT.3)

Você entra pra universidade forma uma turma no inicio ta todo mundo ali, a partir do segundo as pessoas vão se desagregando, por que você acaba fazendo parte de um determinado grupo ali na sala, ai o grupo vai se desagregando e você vai se sentindo só, daí você fica ô meu Deus! Tô me sentindo só você não consegue entrar em sintonia com as outras pessoas com os outros grupos, só que agora o tempo foi passando e eu to numa situação que eu consigo e eu acho até bom você se disponibilizar a conhecer pessoas de outros cursos fazer novas amizades... (ENT. 2)

Pontuam também sobre a falta de escuta deles enquanto estudantes, na elaboração de ações para eles voltadas. Sobre isso em um dos relatos, um estudante diz:

É um projeto tá vinculado a um programa, gera dinheiro, ta vinculado a um auxilio, mas eu, por exemplo, poderia deixar o meu trabalho totalmente e participar apenas desse projeto? mas será que o dinheiro viria na data certa? por que tem vezes que o programa não paga, a bolsa atrasa e ai como é que fica a vida do estudante fora da universidade? Será que ele vai conseguir se focar nos estudos dele, ou vai ficar preocupado com as situações do dia a dia? Então tudo isso deveria ser colocado em questões lá dentro. Tudo gira em torno da gente então a gente também deveria participar. (ENT. 1)

Sobre a política de assistência estudantil e suas contribuições na formação, os estudantes indicam que os auxílios contribuem para o custeio de algumas coisas, e que estimula a participação em projetos de pesquisa, e que se não fosse essa política seria difícil, ou até mesmo impossível continuar a faculdade. Eles comentam seu amadurecimento pessoal ao desenvolver atividades com comunidades através da pesquisa, demonstrando a importância da pesquisa e extensão nas suas trajetórias. No entanto alguns pontos negativos são indicados em relação aos auxílios de assistência estudantil, principalmente no sentido da falta de certeza dos auxílios serem depositados mensalmente na mesma data, desta forma os estudantes enfatizam que deixar o trabalho informal seria algo impraticável, visto que esse dinheiro é pontual e com isso evitam atrasos em seus compromissos financeiros.

O ingresso na educação superior é uma das possíveis escolhas realizadas por sujeitos na fase juvenil. Experiência vivenciada por uma pequena parcela da juventude brasileira, impulsionadas por aspectos singulares. Tal escolha gesta-se principalmente pela promessa de ascensão social, na busca de melhores remunerações que podem ser viabilizadas através da obtenção de um diploma universitário. Ao pensarmos em estudantes provindos de escolas publicas, devemos convir que a perspectiva de continuidade escolar após o ensino médio não é desenvolvida neste ambiente. Assim o conhecimento sobre as praticas da vida universitária fica condicionada para aqueles que nela ingressam, e neste processo os estudantes cotistas ficam em

considerável desvantagem. Desta forma mesmo sem ter muita noção do como será a vida na universidade, aventuram-se por esse caminho. Assim e na medida em buscamos conhecer o imaginário dos estudantes em relação a Universidade, quais as principais influências os levaram a querer estar neste lugar, percebemos que a família foi uma das principais motivações. A família apresentou-se de modo fundamental tanto na pretensão de ingresso quanto na permanência universitária. Os estudantes indicam que a necessidade de não passar pelas mesmas privações vividas pelos familiares juntamente com o contínuo apoio recebido, de caráter emocional e/ou financeiro foram fundamentais para a continuidade dos estudos. Expressam-se da seguinte forma,

Minha mãe foi a pessoa que mais me influenciou, por que ela não teve estudo então ela quer que eu seja o que ela nunca foi...e também eu nunca quis trabalhar em mercado eu quero ter uma profissão, uma vida estável ter meu dinheiro. (ENT. 2)

A minha escola contribuiu para eu ta aqui, mas um incentivo maior foi de minha família mesmo... mas a minha escola, na verdade alguns dos meus professores sempre me motivaram diziam que eu tinha capacidade pra entrar no ensino superior, tanto é que logo quando eu sair do ensino médio eu entrei diretamente aqui.(ENT.3)

Inicialmente a gente chega na universidade com a promessa de que, rapaz...não vou morrer pobre! (rsrs) vou ter nível superior e principalmente na minha família que eu sou a única que está fazendo universidade é algo glorioso! Quando eu estava fazendo vestibular...minha família me apoiou, no caso só minha mãe porque eu não tenho uma família completa, não tenho pai presente ele é vivo mais não é presente e principalmente na minha vida acadêmica. Quando a gente entra para universidade a gente entra com uma promessa de realização de um sonho, no meu caso...na verdade fazer um curso de nível superior é um sonho realizado não por mim mas por ela (refere-se a mãe) por que ela não teve oportunidade de estudar por que teve que trabalhar muito jovem pra sustentar os irmãos mais novos e ai ela disse: “ bom! Eu vou lutar pra que meus filhos tenham... se vejam na condição de não ter que ficar como empregado o tempo todo”... (ENT.2)

Meu irmão estuda na UEFS e ele sempre me incentivou, os amigos dele que também tinha contado, a minha irmã. E também eu queria ter conhecimento muitas pessoas pensam logo no dinheiro eu também pensava...mas além disso hoje eu quero continuar aprendendo...já consegui abrir muito a minha mente nesse tempinho que to aqui. (ENT. 5)

Observei que o querer ingressar na universidade significa para estes sujeitos uma possibilidade de realização pessoal e ascensão econômica apesar das dificuldades experienciadas no cotidiano acadêmico e em alguns casos com influência indireta da família. Um dos sujeitos diz assim,

Isso partiu de mim mesmo, assim e por vim de uma família que a grande maioria não tem sucesso em nada, então o interesse mesmo partiu de mim, em fazer diferente, em chegar, em crescer um dia na vida, em ser um profissional em ter uma profissão, em que eu possa dizer poxa eu passei por isso tudo e hoje sou o que sou...satisfação pessoal mesmo, de um dia ter uma casa própria, que a minha família não e a maioria do pessoal de minha família também não tem mora de aluguel...então foi basicamente isso, de poder ter minhas coisas sem precisar de ninguém. (ENT.

Neste sentido, nos apoiamos nas palavras de Guerreiro e Abrantes (2005,p.158) incorremos que, contemporaneamente grande importância se atribui “aos saberes e às qualificações formais, adquiridos mediante o sistema de ensino. Cresce e diversifica-se o leque de ocupações profissionais e técnicas de elevada qualificação a que só acedem os detentores de diplomas de nível superior.

Sobre as características que impulsionam os estudantes a darem continuidade à vida acadêmica, apesar dos problemas em relação ao aprendizado, os entraves vinculados a instituição se mostraram como fatores mais desmotivantes quando se cogita a desistência, os estudantes também relatam que,

ficou mais viável permanecer aqui, morando aqui, mesmo estando longe de meus pais. Por que por exemplo eu teria que ir e vir todos os dias. No início da faculdade era terrível que eu tinha que ir e vir todos os dias, mais de uma hora de viagem..foi muito difícil eu não tive uma boa preparação no ensino médio passei por uma carência em relação a escolaridade, ai quando cheguei aqui a gente se depara com uma outra metodologia de ensino de aprendizado diferente do que tava acostumado isso gerou muita dificuldade...eu pensei varias vezes em desistir muitas das vezes por conta desse desconforto da vivencia do ta aqui, do ter que ir e vir todos os dias...mas eu sempre tive o apoio de meus pais de meu tio, de minha tia principalmente, que foi que sempre me ajudaram a continuar. (ENT. 3)

Percebo que a relação com profissionais vinculados a política de assistência estudantil, entre estudantes de semestres mais avançados, aparece como uma das estratégias para

consequirem conhecer a Universidade. Estratégia adotada principalmente pelos estudantes do segundo semestre em que o nível de relacionamento, inclusive com outros estudantes ainda é frágil. Um estudante diz:

Eu não pensava como seria estar aqui, não imaginava como seria a vida dentro da universidade, não conhecia muitas pessoas daqui, tenho um amigo que tá formando que faz historia também... mas em minha família eu sou o primeiro a estar aqui...não imaginei que teria que sair da casa de meus pais, eu imaginei que seria mais fácil, por exemplo em relação a cobrança, as disciplinas, os horários...por que eu já tinha isso no ensino médio, mas aqui a cobrança é maior, aqui eu também me cobro...aqui agente tem que descobrir as coisas, tem que ir atrás. (ENT. 3)

Os estudantes trabalhadores demonstram uma relação diferenciada na organização com os horários. Sobre isso um estudante se expressa da seguinte forma,

E é essa questão agente tendo que mudar toda a rotina pra entrar em outra, conciliar estudo diurno junto com trabalho, junto com tempo pra estudar fora da universidade, junto com família junto com amigos, isso tudo de uma vez só é muito puxado assim, mas com o tempo a gente vai conseguindo adaptar, eu hoje tenho pra mim que já adaptei e sei que minhas aulas é de tal a tal horário e o restante eu posso fazer. (ENT. 6)

Outra característica que se mostrou peculiar aos estudantes que trabalham foi o fato de suas dificuldades estarem muito mais atreladas à aprendizagem dos conteúdos acadêmicos, alegadas pelo pouco tempo que podem dispor para estudos. Assim e dialogando com Coulon (2008) afirma-se que todos os estudantes aqui investigados (...) “não vivem da mesma maneira, seu ingresso na vida universitária, tampouco sua afiliação acontecerá de forma idêntica” (P. 103)

Os sujeitos deste estudo demonstraram em maior, ou menor medida dificuldades em relação a conseguir se familiarizar com a linguagem e aprendizagem na vida acadêmica. Em um dos relatos ouviu-se que,

Tá sendo uma aventura tudo muito diferente, tem coisas que eu escuto na sala de aula que nunca ouvi antes...as vezes até palavras que eu já conhecia mais num contexto totalmente diferente e também a cobrança...é por que assim é muita coisa pra dar conta em pouco tempo... minha escola me ajudou em partes...tinham alguns professores que falavam sobre universidade, tinha uma professora que falava assim: é fácil entrar difícil é sair. E pra mim a maior dificuldade tá sendo a

leitura. Eu não tinha muito o habito de ler então são muitos textos...pra ler e compreender por que muitos são muito complexos. (ENT. 4)

Em relação às mudanças que ocorreram em suas vidas após o ingresso na Universidade verificamos que nos casos em que foi preciso residir na cidade onde estudam, contribuiu para uma serie de outras necessidades de adaptação. Agora não só a instituição e a vida intelectual, mas também a de certa forma “se virar só” longe do seio familiar.

Os dados nos fazem refletir que ao se pensar em afiliação, a vida universitária não devemos deixar de pontuar a responsabilidade das Instituições de ensino superior na permanência dos estudantes através dos investimentos do poder público, uma forma de gestão orçamentária e administrativa plausível, modelos de ensino/aprendizagem mais dinâmicos, bem como, tipos curriculares menos rígidos. Valorizando e dando espaço as atividades de pesquisa e extensão colaborando assim, com o cenário social e universitário contemporâneo que abrange um público cada vez mais heterogêneo. A expansão e interiorização das Universidades devem e precisam cada vez mais estar vinculada a qualidade, contemplando as necessidades de toda a comunidade acadêmica, através de programas e recursos matérias que auxiliem aos estudantes.

Neste sentido, compreende-se que melhores condições Pedagógicas, institucionais e infra-estruturais irão se refletir diretamente no processo de afiliação ao ambiente Universitário, na medida em que propiciará mecanismos de integração que considerem as peculiaridades dos estudantes contribuindo para que os mesmos estabeleçam de melhor forma, sua relação com o saber e com êxito afilem-se a vida Universitária. Do mesmo modo infere-se que a pesquisa buscou contribuir, ainda que de modo inicial com a sistematização de informações relacionadas a vida de estudantes cotistas na fase juvenil, recém ingressados na universidade.

REFERÊNCIAS

BOGDAN,C. Robert e BIKLEN, K.Sari. *A investigação qualitativa em educação*. Ed. Porto Editora, 1994.

CAMARANO, Ana Amelia; LEITÃO E MELLO, Juliana; PASINATO; Maria Tereza; KANSO, Solange. **Caminhos para a vida adulta: As múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. *Rev. última década* nº21, cidpa valparaíso, diciembre 2004, pp. 11-50.

COULON Alain. **A Condição de Estudante: a entrada para vida universitária**. Salvador: EDUFBA,2008.

CUNHA, Simone Míguez e CARRILHO, Denise Madruga. **O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico.** Rev. Psicologia Escolar e Educacional, 2005 Volume 9 Número 2.

CHAUI, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva.** Revista brasileira de educação. Set /Out /Nov /Dez 2003 No 24

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber – elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 9.ed-São Paulo, Cortez,2008.

DAYRELL, Juarez Tarcísio e GOMES, Nilma Lino. **A juventude no Brasil.** Disponível em:<http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf > acesso em: junho de 2013.

DAYRELL, Juarez. **A Escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** In: Vieira, M. M. (org.). Actores educativos: escolas, jovens e mídia. Lisboa, 2007. Disponível em: <http://www.labes.fe.ufri.br/cespeb/juarez_dayrell.pdf > Acesso em: abril de 2013.

DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas.** Revista Brasileira de Educação, maio-ago,2001. nº 017. Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação e pesquisa em educação. p.5-19.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **A recepção do instituto da Ação Afirmativa pelo Direito Constitucional Brasileiro** In: SANTOS, Sales Augusto dos (org). Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas. Brasília: MEC/SECAD, 2007. P. 47- 82

GUERREIRO, M. das D.; ABRANTES, P. **Como Tornar-se Adulto: processos de transição na modernidade avançada.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 20 (58), 157-175, 2005.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 13.ed-Petrópolis, RJ: Vozes,2011.

JACCOUD, L.; BEGHIN, N. **Desigualdades Raciais: um balanço da intervenção governamental.** Brasília: IPEA, 2002.

MEDEIROS, Carlos Alberto. **Ação Afirmativa no Brasil: um debate em curso.** In: SANTOS, Sales Augusto dos (org). Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas. Brasília: MEC/SECAD, 2007. p. 120-139

MUNANGA, K. **Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil – um ponto de vista em defesa de cotas?** Revista Espaço Acadêmico, mar. 2003. <http://www.espacoacademico.com.br/022/22cmunanga.htm>

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos.** Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

SANTOS, Boaventura de Sousa e FILHO, Naomar de Almeida. **A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova.** Coimbra, 2008

SANTOS, Luisa e ALMEIDA, Leandro. **Vivências acadêmicas e rendimento escolar: Estudo com alunos universitários do 1.º ano.** Análise Psicológica (2001), 2 (XIX): 205-217